

# De braços abertos num cartão postal? Duas favelas da zona sul carioca na “era das remoções” pelas lentes do Correio da Manhã

Mauro Henrique de Barros Amoroso

Mestre em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Professor do Centro Universitário Augusto Motta (UNISUAM). Autor de, entre outros artigos, “A favela faltou na foto: a cobertura do desmonte do Santo Antônio pelas lentes do Correio da Manhã”. *Cantareira* (UFF), v. 14, 2009.

## RESUMO:

Este artigo analisa representações sociais sobre favelas do Rio de Janeiro, principalmente Ilha das Dragas e Praia do Pinto, na cobertura fotojornalística do “Correio da Manhã”, ao longo da década de 60. Dentro desse contexto, a percepção social das favelas veiculadas pelo periódico através da linguagem da fotografia de mídia remete a noções de fragilidade, com fortes associações do elemento humano com a precariedade dessas áreas de habitação. Esse tipo de construção deve ser focada sob a luz do viés ideológico intrínseco à atividade jornalística, inclusive em sua vertente visual, enquanto importante meio de transmissão de visões de mundo e juízos de valor de setores específicos da sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: favelas; fotografia; “Correio da Manhã”.

## ABSTRACT

This article analyzes social representations on slum quarters of Rio De Janeiro, mainly the Ilha das Dragas and Praia do Pinto slums, in the “Correio da Manhã” photo covering, throughout the decade of 60. Inside of this context, the social perception of the slums propagated for the periodic one through the language of the media photograph sends the fragility slight knowledge, with strong associations of the human element with the precariousness of these areas of habitation. This type of construction must be focus under the light of the intrinsic ideological bias to the journalistic activity, also in its visual source, while important half of transmission of visions of the world and judgments of value of specific sectors in our society.

KEYWORDS: slums; photograph; “Correio da Manhã”.

Recebido em: 19/05/2009

Aprovado em: 05/09/2009

## De braços abertos num cartão postal? Duas favelas da zona sul carioca na “era das remoções” pelas lentes do Correio da Manhã

O presente artigo tem por objetivo debater representações produzidas pela mídia de favelas localizadas na zona sul do Rio de Janeiro durante os anos 1960. Para tanto, foram selecionadas duas delas não mais existentes: Ilha das Dragas e Praia do Pinto. Ambas foram erradicadas no final do período aqui abordado, cuja conjuntura foi marcada pela política de remoções, então adotada como solução para a problemática habitacional das favelas. A escolha dessas para análise se deu pela sua localização em espaços de alta valorização imobiliária, em meio a célebres “cartões postais” da cidade, como a Lagoa Rodrigo de Freitas e os bairros Leblon e Ipanema, além de episódios polêmicos a elas relacionados.

O veículo de imprensa selecionado para análise foi o Correio da Manhã. A justificativa para tal escolha foi o papel de vanguarda desempenhado pela equipe de repórteres fotográficos desse periódico, que ao longo de sua história sempre se esforçou pela construção de uma auto-imagem de defensor dos “interesses do povo”. Esses profissionais utilizaram o caráter polissêmico da imagem fotográfica como ferramenta estratégica de crítica ao regime e à censura imposta à imprensa. Com relação à cobertura das remoções de favelas, o que se nota muitas vezes é a construção de representações negativas de fragilidade e promiscuidade moral, devido às condições de moradia relativas aos moradores dessas áreas.

### **A erradicação das favelas da zona sul pelas lentes do Correio da Manhã: o caso da Praia do Pinto**

Durante o regime militar, foi criada em 1968, por decreto federal, a Companhia de Habitação de Interesse Social da Área Metropolitana do Grande Rio de Janeiro (CHISAM). A princípio, conforme J. Perlman e os Leeds, a função da CHISAM, subordinada ao Banco Nacional de Habitação (BNH), seria apenas coordenar as Companhias de Habitação Popular (COHAB) da Guanabara e do Rio de Janeiro, dentre outros órgãos, sendo que, porém, todos esses passaram a adotar a política remocionista da CHISAM. O objetivo desta foi erradicar todas as favelas do Rio de Janeiro até 1976, e sua ideologia pregava a recuperação humana do morador de favela pela recuperação físico-espacial, ou seja, pela remoção, sem notar que a ameaça de erradicação desestimularia o investimento em sua própria moradia e que a ausência de condições existenciais dignas para a cidade como um todo se dava por inoperância, incompetência e manipulações políticas por parte do Estado e da sociedade (PERLMAN, 1977). Os métodos utilizados pela CHISAM eram totalmente arbitrários, uma vez que o país vivenciava um estado de exceção, utilizando-se de repressão policial e tratores para derrubadas dos barracos cujos donos não estivessem de acordo com as remoções. Igualmente, embora não haja provas

concretas que os liguem a um responsável específico, não podem deixar de ser citados os "incêndios acidentais" (como o trágico caso da Praia da Pinto, em 1969).

As famílias atingidas por essa política foram realocadas em locais isolados e de acesso dificultado, devido à problemática cobertura da área pelo serviço de transporte público, como Guaporé e Cidade Alta. Os critérios adotados não consideravam as relações e laços de cooperação mútua, um dos principais fatores de utilização da favela como meio de resistência à exploração estrutural em diversas esferas, sendo, inclusive, famílias consanguíneas separadas (LEEDS & LEEDS, 1978). De 1968 a 1975, ano em que foi abandonada por inviabilidade financeira, a política das remoções teve um saldo de mais de 60 favelas destruídas e cerca de cem mil pessoas removidas (PANDOLFI & GRZYNSZPAN, 2002, p. 245), e se revelou um fracasso na medida em que não impediu o crescimento nem erradicou a favela da paisagem urbana carioca e, segundo Janice Perlman, ao promover a segregação sócio-espacial do favelado apenas contribuiu para formar o marginal que se pretendia eliminar<sup>1</sup>.

A justificativa para a política remocionista possuía vários tópicos, como a inserção social e cultural pela promoção de uma moradia digna e os benefícios estéticos e urbanísticos para a cidade. Porém, motivos menos humanitários, como a especulação imobiliária, deram a tônica, uma vez que, conforme abordado por Perlman, a pretensa teoria de exclusão do favelado não era integralmente válida, pois este participava das várias esferas, econômica, cultural e eleitoral, do cotidiano da cidade, porém não como marginal, mas como explorado e

oprimido. O planejamento da política remocionista ignorava qualquer interesse relativo ao seu pretense principal beneficiário, uma vez que o isolava das oportunidades de emprego e da agitação sócio-cultural que ele tanto estimava. Também criava gastos que ultrapassavam seu orçamento, como excedentes com transportes para o agora distante local de trabalho, acarretando desgaste psicológico e contas relativas a condomínio, água, luz, esgoto, além das prestações das moradias que, diga-se de passagem, eram entregues em péssimas condições. Todos esses fatores levaram a um alto grau de inadimplência das prestações dos apartamentos dos conjuntos habitacionais, o que, posteriormente, acabaria por selar o destino da política de remoções.

As favelas da Praia do Pinto e da Ilha das Dragas foram enfatizadas no debate aqui realizado por conta dos dois acontecimentos que marcaram sua erradicação: um incêndio de causas inexplicadas e um desaparecimento político, respectivamente. A Praia do Pinto, à época, era uma das mais famosas e mais populosas da cidade, já fazendo parte de um imaginário urbano. Ilha das Dragas, porém, não passava de uma favela pequena, a qual a mídia não costumava delegar muita atenção. Sua presença nas páginas do Correio, não muito comum em períodos anteriores, pode ser justificada pela mobilização contra sua erradicação e pelo desaparecimento das principais lideranças responsáveis pela articulação dessa resistência.

Tomemos como exemplo a reportagem encontrada no "Gericó", de 5 de agosto de 1967. Tal reportagem não possuía lugar central na edição, encontrando-se no canto

<sup>1</sup> Uma prova do fracasso em impedir o crescimento da favela habita no fato de que a população favelada passou de 16%, em 1960, a 32%, em 1970, da população carioca (PERLMAN, 1977, p. 41).

da página à direita de quem lê. O recorte que nos chama a atenção se refere aos dois últimos parágrafos embaixo da fotografia de um menino, no trecho inferior à direita. Tal fotografia é o elemento que chama a atenção do leitor que, após fixar a imagem, é direcionado para o texto abaixo dela. É importante, mais uma vez, atentar para o fato da matéria localizar-se na coluna "Gericó", o que por si só já revela um juízo de valor sobre tal favela, enquanto problema a ser erradicado pela cidade <sup>2</sup>. Deve ser chamada atenção, igualmente, para a relação entre a foto e o texto, sendo que a primeira ocupa uma área consideravelmente maior que o segundo, o que revela a preferência pelo elemento visual da construção da notícia. Essa hierarquia também pode ser percebida pelo fato da fotografia encontrar-se acima da parte escrita, o que, além da já citada proporção, leva à sua percepção primeiro que a parte escrita. Também é interessante notar a posição privilegiada da fotografia, que ocupa a 3<sup>a</sup> área de preferência para localização de

fotografias, conforme esquematizado por Lorenzo Vilches (VILCHES, 1987, p. 62). Seguem, abaixo, a fotografia, a imagem da página onde se localiza a notícia e o que vem escrito na coluna:

"Triste, muito triste é a paisagem. No primeiro plano vemos lixo em abundância na fase de fermentação (o que constatamos no local), exalando insuportável odor. No segundo um menino. Menino da favela criado no lixo. Como eles (sic), centenas de crianças são criadas no lixo da favela da Praia do Pinto e milhares no lixo de outras favelas. Senhor governador, acabemos com paisagens iguais a que divulgamos para, infelizmente, nosso pesar e vergonha. O Estado tem grandes áreas territoriais em disponibilidade, onde grandes núcleos residenciais poderão ser construídos e abrigados os pais dos meninos do lixo. Acabemos de uma vez por todas com a favela da Praia do Pinto, vigoroso depoimento contra a nossa obrigação e testemunha da inatividade governamental. Senhor governador, vença as dificuldades e acabe de vez com os meninos criados no lixo, como os vermes que nele se reproduzem por ocasião da fermentação. Vamos, senhor governador, menino-lixo também é gente..."

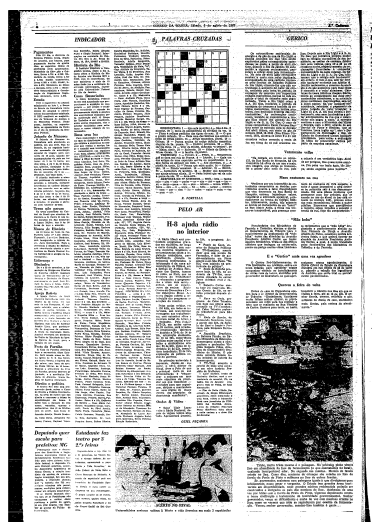


Foto: Arquivo Nacional, Fundo/Coleção: Correio da Manhã, Data: 27/07/1967 Fotógrafo: Bueno

<sup>2</sup> Essa coluna teve por objetivo denunciar problemas de diversas espécies relacionados à cidade do Rio de Janeiro, cobrando das autoridades públicas soluções.

A Praia do Pinto, que se localizava próxima à Lagoa Rodrigo de Freitas, surgiu no início da década de 1940, com o arrendamento do terreno da Chácara do Céu, na Gávea. Com esse arrendamento, os moradores desse local migraram para o núcleo que se tornaria a favela, que chegou a ser uma das maiores do Rio de Janeiro, até seu fim em 1969. A foto debatida retrata um menino que não aparenta ter mais de cinco anos próximo a bacias com roupa e lixo. O lixo, que ocupa grande parte da área retratada, chama bastante atenção para quem observa a imagem, englobando a criança e reforçando a idéia de fragilidade passada pelo contraste entre o ela e o lixo abundantemente presente. Essa imagem é reforçada pelo texto e as diversas alusões à convivência de crianças com lixo em fase de fermentação, terminando com o apelo às autoridades para que seja realizada a salvação dos "meninos-lixo". Assim, nota-se um esforço de associação direta entre o indivíduo em sua fase mais frágil (infância) e a miséria completa, representada pelo lixo.

Luiz Antonio Machado da Silva, discorrendo sobre a questão da favela no tempo, afirma que esta teria "vencido", ou seja, alude ao fato que apesar das inúmeras tentativas de erradicação pelo poder público, a favela continua presente em nossa paisagem urbana<sup>3</sup>. Porém, logo depois ele alude à fragilidade do convívio social de seus habitantes em nossa sociedade. Para entendermos tal situação, é preciso buscar as raízes históricas da construção da percepção social dos habitantes de favelas, bem como os agentes e interesses envolvidos nesse

processo. Machado da Silva percebe a favela como expressão da desigualdade social e de uma cidadania excludente, restrita, fragmentada e hierarquizada. Dentro desse processo, esse espaço é definido por diversos atores unicamente pelo foco de suas carências, embora seja um espaço complexo com uma rede social que interage com a sociedade de maneiras diversas, não possuindo unicamente carências e nem sendo estas um corpo homogêneo (SILVA, 2002). Ou seja, nota-se um esforço de perceber o morador de favela por uma via de mão única, o que constitui uma dificuldade séria para a resolução de seus problemas mais básicos, desde infra-estrutura habitacional até inserção no mercado de trabalho<sup>4</sup>. E essa construção simbólica unívoca peca principalmente por ignorar a pluralidade de um universo amplo.

Como pode ser observado, há algumas semelhanças entre a tipologia das representações abordada no acervo fotojornalístico do Correio da Manhã e a concepção da problemática habitacional da favela que embasou as políticas de remoções. O cerne comum das abordagens reside na constituição de um sujeito socialmente frágil, em uma situação de marginalidade sócio-política, econômica e cultural. Há, igualmente, uma associação entre a precariedade da infra-estrutura do espaço habitacional aqui debatido e os sujeitos que nele habitam. A partir dessas concepções, foi realizada uma política de segregação espacial que excluiu do processo decisório de elaboração de diretrizes os principais interessados: os habitantes de favelas (PERLMAN, 1977 e LEEDS & LEEDS, 1978).

<sup>3</sup> A tendência à consolidação da favela em nossa cidade ocorre no final dos anos 1970 e início dos 1980, com o abandono das políticas remocionistas e a permissão, no primeiro governo de Leonel Brizola, da construção em alvenaria.

<sup>4</sup> Embora deva ser feita uma diferenciação entre conjunturas históricas, pois atualmente, enquanto a favela é socialmente apreendida pela ótica da criminalidade e da "metáfora da guerra", sobretudo pela mídia (LEITE, 2000), no período por mim pesquisado tal percepção caracterizava-se muito mais pela fragilidade social, moral e incapacidade de autonomia decisória, conforme será aprofundado ao longo do texto.

Raymond Williams define como uma das principais características do sistema social as inter-relações imbrincadas entre práticas sociais, culturais e econômicas (WILLIAMS, 2000). Dentro dessa perspectiva encontra-se o foco de análise necessário de embasamento para a comparação entre as justificativas da política remocionista utilizada pelo poder público e as representações sobre favelas e seus moradores veiculadas pelo fotojornalismo do Correio da Manhã. O fato de haver semelhanças entre tais subjetividades sublinha as inter-relações apontadas por Williams, bem como a importância do estudo da atuação da mídia nesse processo de construção de subjetividades <sup>5</sup>. No caso da favela como objeto de estudo, a análise de tais inter-relações se faz necessária devido à sua força no imaginário coletivo, pois ela é articulada como fato, representação e problema público (SILVA, 2002).

Pode ser abordado o caso do incêndio da Praia do Pinto, episódio que entrou para o imaginário da cidade por sua dramaticidade. O incêndio ocorreu em 10/05/1969, começando de madrugada e indo até de manhã, sendo que, segundo estipulou o jornal, cerca de 4 mil pessoas ficaram desabrigadas. Não se sabe ao certo a causa do incêndio, embora a reportagem afirme que o incêndio tenha começado acidentalmente por

negligência de algum morador (CORREIO DA MANHÃ, 1969d). Porém, deve-se levar em consideração que a favela encontrava-se em área valorizada e havia certo receio que houvesse resistência dos moradores em sair da favela, ocorrendo mobilização semelhante ao caso de Ilha das Dragas (CORREIO DA MANHÃ, 1969e)<sup>6</sup>.

Com relação à cobertura fotojornalística do incêndio, ela tomou a capa da edição do Correio da Manhã. Seguem, respectivamente, a capa da edição e a fotografias recorrentes, de autoria de Milton, no dia do incêndio.

Tal imagem mostra um homem andando por entre escombros do incêndio segurando seu instrumento, um cavaquinho. Pela seriedade do incidente ocorrido, tal figuração acaba assumindo um tom pitoresco e surreal, reforçado pela legenda da foto: "Instrumento do fogo: depois de perder tudo que tinha, o favelado sente-se satisfeito de encontrar seu velho amigo, o cavaquinho". O viés pitoresco que retrata a chamada de um acontecimento grave envolto em possibilidades suspeitas para sua origem é a característica dessa foto. Assim, mais uma vez reforça-se a imagem de fragilidade remetente a completa incapacidade de superação dessa adversidade por iniciativa própria. Afinal, segundo o juízo de valor realizado pelo binômio fotografia/legenda, o cavaco satisfaria a perda da casa e a quase-perda da vida.

<sup>5</sup> Tal interpretação do sistema social aumenta ainda mais o escopo de análise, uma vez que relaciona os interesses por trás de diferentes práticas pertencentes a esferas social, econômica e cultural. Desse modo, privilegia-se a complexidade da atuação de diferentes atores sociais, propiciando uma análise rica da problemática do estudo histórico da sociedade e da problemática das favelas.

<sup>6</sup> Entretanto, o próprio jornal relatou a estranheza da rapidez com a qual tentou-se vender o terreno onde ficava a Praia do Pinto.



Foto: Arquivo Nacional, Fundo/Coleção: Correio da Manhã,  
Data: 11/05/1969  
Fotógrafo: Milton



Também é interessante notar a relação espacial entre a fotografia e o elemento escrito concernente à matéria. Primeiramente, a área da capa dedicada ao incêndio da favela é a segunda maior, só atrás da notícia internacional. Tal situação revela a importância dada ao acontecimento no discurso do periódico, lembrando que só o fato da reportagem estar na capa já denota essa mesma importância. Depois, é necessário atentar para o título da chamada "Incêndio liquida favela", cujo tamanho da fonte utilizada, assim como o posicionamento, deixa claro o que aconteceu, apesar de não especificar a localidade. A relação do título com a imagem também reforça o aspecto pitoresco da significação da matéria, pois ao deixar claro o tipo de situação ocorrida (incêndio), marcada pela gravidade, vê-se a foto do indivíduo, fora de um ambiente de risco, segurando seu instrumento. A fotografia possui um desempenho central para a construção da notícia, conforme pode ser observado pelo tamanho por ela ocupado,

consideravelmente maior que o texto, à exceção do título.

Tal representação não condiz com a seriedade da situação e a gravidade com a qual tal evento consolidou-se na memória de moradores de favelas, mesmo os que não habitaram a Praia do Pinto. Como exemplo, temos o depoimento de Alberto Jacob, repórter fotográfico premiado e ex-morador da Catacumba: "... ali (Praia do Pinto) era uma grande favela que tacaram fogo e outra coisa, incendiaram a favela e os helicópteros que sobrevoavam a favela pra... que pareciam jogar água em cima pra... pra apagar o fogo, ao contrário, combustível pra queimar mais barracos ainda" (Depoimento de Alberto Jacob, 2005). Tal caracterização, recorrente em outros depoimentos de moradores de favelas da zona sul da época, reforça a imagem de marginalização forçada do espaço urbano de sua própria cidade, construída a partir de agentes externos em uma situação social mais favorável. Como os habitantes de favelas não têm acesso a meios

de resistência institucional, ele resiste através da construção de sua própria memória, uma "memória subterrânea" (POLLAK, 1989) sobre o acontecido, em contraponto à versão dita oficial.

Outro fator que contribui para a criticidade do episódio do incêndio da Praia do Pinto é a série de interesses por detrás da erradicação dessa favela, que vinha sofrendo resistência por parte de seus moradores. Podemos destacar a especulação imobiliária, principalmente no que diz respeito à própria CHISAM, que utilizaria a verba obtida pela concorrência de licitações de construção de apartamentos luxuosos nesse valorizado terreno para oxigenar financeiramente seu programa:

A liberação da valorizadíssima área onde existiu a favela da Praia do Pinto permitiu que o governo pusesse à venda os lotes do terreno ao público e esteja auferindo recursos para a construção de novos núcleos habitacionais populares. (GOVERNO DO ESTADO DA GUANABARA, 1969, p. 6).

### **O visto pelo não-visto: o caso de Ilha das Dragas**

Para melhor aprofundamento da discussão aqui realizada é necessário o entendimento dos mecanismos que possibilitam a diferenciação por meio de construção de subjetividades entre diferentes categorias sociais, bem como possíveis interesses por trás desse processo. Norbert Elias e J. L. Scotson caracterizam o principal

elemento de estigmatização e segregação como sendo os diferenciais de poder, ou seja, bens materiais e simbólicos pertencentes a segmentos sociais hierarquicamente melhor posicionados na sociedade. Através da posse desses diferenciais de poder, os segmentos privilegiados, que Elias e Scotson denominam em seu estudo de caso de "estabelecidos", conseguem dificultar e/ou barrar o acesso a bens sociais. Intrinsecamente a essa prática, é realizado um esforço de elaboração, por parte dos "estabelecidos", de uma auto-imagem de superioridade humana, moral e em termos de solidariedade inter-grupal. A partir dessa estigmatização, ocorre um processo de exclusão e tentativas de isolamento em um meio social, além de que o próprio segmento atingido por esse esforço tende a internalizar essa imagem negativa construída (ELIAS & SCOTSON, 2000)<sup>7</sup>.

Com relação à construção da percepção do habitante de favela, pode-se afirmar que esse não participou desse processo, justamente devido à situação social de subordinação e ausência de posse de diferenciais de poder. O resultado inicial dessa construção remetia à condição físico-espacial da moradia (ilegalidade e clandestinidade) e de crítica moral à promiscuidade das condições de vida (SILVA, 2002). Relacionado à questão da utilização de diferenciais de poder está a intencionalidade de seu uso. Observemos a fotografia, abaixo, frente e verso, de autoria de Pimentel em 21/09/1965, publicada no dia seguinte a esta data:

<sup>7</sup> Embora tal fato não termine a relação de necessidade existente entre grupos de "estabelecidos" e *outsiders*. No caso das favelas da zona sul na década de 1960, tal necessidade é exemplificada pela utilização de seus habitantes como mão de obra na rede hoteleira, restaurantes e clubes locais, além das casas de família.



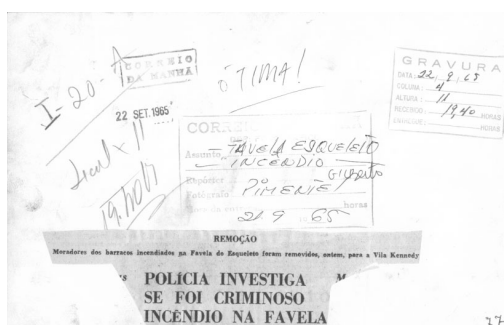


Foto: Arquivo Nacional, Fundo/Coleção: Correio da Manhã, Data: 21/09/1965  
Fotógrafo: Pimentel

No tocante a relações de trabalho e práticas cotidianas na esfera da produção cultural, Raymond Williams atenta para o imbricamento entre condições de propriedade dos meios de produção e de assalariamento dos produtores diretos, à exceção de casos especiais (como o jornalismo alternativo). Desse modo, tal fato condiciona essa produção à influência de fatores pertencentes à ordem política mais geral, econômicos e culturais. Há, assim, compatibilidade entre a produção e interesses dominantes da ordem social (WILLIAMS, 2000).

Portanto, devemos chamar atenção para a relação entre os produtores diretos envolvidos na elaboração do acervo fotojornalístico do Correio da Manhã (repórteres fotográficos) e a equipe editorial. Esta última dava a palavra final sobre qual foto deveria compor as matérias, bem como sua posição na paginação final da edição, além das legendas. Deve-se ter em perspectiva a excelência do corpo de repórteres fotográficos do Correio da Manhã, bem como a utilização da fotografia como elemento para criticar o regime militar e, ao mesmo tempo, burlar a rigorosa censura à imprensa. Assim, a fotografia, sobretudo na década de 1960, exerceu um papel

estratégico central para o jornal, e possuiu uma valorização que geralmente não era comum entre seus concorrentes (OLIVEIRA, 1996).

Dessa forma, as escolhas editoriais realizadas no campo das reportagens fotográficas constituíam uma esfera decisória importante no cotidiano do Correio da Manhã, com sua importância alcançando, igualmente, o caráter representativo e a construção de juízo acerca do objeto a ser abordado pelas reportagens. A foto (frente e verso) em questão é um belo exemplo da visão a ser passada pelas diretrizes editoriais do periódico sobre a favela. Como pode ser observado pelo carimbo de controle do material fotográfico, no verso da fotografia, tal foto diz respeito à cobertura de um incêndio na Favela do Esqueleto, em 21 de setembro de 1965 e publicada no dia seguinte. A foto retrata uma mulher e duas crianças pequenas em frente a ruínas e restos de tijolos e materiais de alvenaria espalhados, oriundos do incêndio. Os três estão próximos à sacola e parados, com as ruínas ao fundo. As crianças olham para o lado e a mulher leva uma das mãos à boca, em uma imagem que pode provocar interpretações ambíguas de inércia perante a situação adversa, ou de

reflexão, esperando-se qual será o “próximo passo” a ser realizado. Os componentes visuais, ou seja, a mulher e as duas crianças, em situação de imobilismo e dúvida, ou reflexão e espera (mão à boca da mulher) perante uma situação adversa (incêndio), pode, dentre outros significados, reforçar a imagem de fragilidade e incapacidade de autonomia decisória, à espera de um agente pretensamente competente para dar solução à sua situação de risco e abandono social<sup>8</sup>.

Tal forma de representação repete-se constantemente na análise do acervo fotográfico do *Correio da Manhã*, embora ocorram algumas exceções atribuídas aos diferentes sujeitos e juízos envolvidos na elaboração direta dessas imagens. Porém, conforme anteriormente debatido, a esfera final de decisão é relegada à equipe editorial e, na foto em análise, está o elemento concreto que revela a preferência dessa escolha. No verso da fotografia existe uma série de anotações, realizada pelo responsável pela edição final do material que seria veiculado na edição do periódico. Algumas anotações são de ordem puramente técnica, no entanto, o que prende nossa atenção é um comentário localizado logo acima do carimbo de controle de autoria e de tema da fotografia: “ótima!”. Tal marca apregoada à fotografia pelo responsável por sua escolha e edição revela o padrão de seleção principal para o modelo de representação a ser veiculado sobre a temática das favelas e de seu habitante. Tal modelo acabaria por se constituir em um elemento que capta por um olhar unívoco um universo essencialmente complexo. E esse olhar caracteriza-se pela escolha arbitrária de elementos figurativos, como a figura feminina e das crianças, conforme a própria

quantificação dos componentes visuais vem conformando. Sendo que não deve ser ignorada a tendência à transferência da precariedade do espaço físico para o elemento humano, reforçando representações de fragilidade e incapacidade de autonomia decisória.

Um caso emblemático ocorrido durante a política remocionista do período militar, mas que, entretanto, não entrou para o imaginário urbano do Rio de Janeiro como o caso da Praia do Pinto, foi a remoção da favela de Ilha das Dragas. Essa favela constituía-se em uma pequena faixa de areia localizada ao lado do Clube Caiçaras, quando por volta da década de 1930, começou a sofrer um processo de alargamento por meio de aterros realizados por iniciativa própria de seus futuros moradores. Muitos destes trabalhavam nos clubes da região. A remoção dessa favela ocorreu em fevereiro de 1969, em meio a vários protestos e uma tentativa de resistência organizada por parte de sua associação de moradores, com participação ampla de seu presidente, Carlos de Jesus, e foram feitas várias cobranças referentes às promessas de campanha de Negrão de Lima de não dar prosseguimento às remoções (*CORREIO DA MANHÃ*, 1968a e 1968b). Os moradores de Ilha das Dragas acabaram sendo removidos para conjuntos como Cidade de Deus e Cidade Alta.

É interessante observar que todas as fotografias presentes no arquivo fotográfico do *Correio da Manhã* sobre Ilha das Dragas foram realizadas entre setembro de 1968 e fevereiro de 1969. Isto revela que essa favela não era visada pela mídia, a não ser a partir de sua complicada remoção, que ocorre nesse período. Cada remoção específica foi um episódio conflituoso, geralmente precedido

<sup>8</sup> Porém, é interessante notar que tal esforço de caracterização ocorre de uma forma menos agressiva do que a do “menino-lixo”.

de protestos e mobilização política dos habitantes das favelas visadas. Esse exemplo é potencializado no caso de Ilha das Dragas, em que a mobilização pela resistência capitaneada por líderes comunitários levou a uma dura repressão e ao "desaparecimento político" dessas principais lideranças. Tal situação acabou se tornando um marco do decréscimo dos protestos e mobilizações mais sólidas de resistência a remoções, uma das principais diretrizes do congresso da Federação das Associações de Favelas do Estado da Guanabara (FAFEG), realizado em 1968 (PERLMAN, 1977).

Tal situação deve ser vinculada à relação entre os produtores diretos dessa imagem e a equipe editorial, bem como as escolhas dessa última sobre o material fotográfico a ser veiculado. A exemplo disso, nota-se mais uma vez o exemplo da preferência de veiculação de juízos de valor de precariedade e fragilidade, extrapolando tais características do espaço físico para o âmbito do indivíduo,

conforme fotografia de Luiz Pinto tirada em 1/02/1969 e publicada no dia seguinte, com a seguinte legenda: "Mudança de favelados foi até de manhã e as reações não foram ao despejo".

Essa matéria pode ser considerada como possuidora de considerável importância no periódico, pois localiza-se em uma página ímpar (p. 3), um dos espaços mais valorizados de um jornal até pelos anunciantes (FAUSTO NETO, CASTRO & LUCAS, 1994). A reportagem, como pode ser observado na página, ao lado da fotografia, está posicionada na área preferencial para alocação de fotografias, segundo caracterização de Lorenzo Vilches. A matéria foi publicada com o título "Favelado acorda às 3h para ter casa" em fonte do tamanho da fotografia, ao lado da mesma. Desse modo, quando o leitor percebe o título, há uma associação direta com a criança chorando na foto, de acordo com a diagramação da reportagem.

DOMÍNIOS DA IMAGEM, LONDRINA, v. III, n. 5, p. 95-108, NOVEMBRO 2009



Foto: Arquivo Nacional, Fundo/Coleção: Correio da Manhã, Data: 01/02/1969  
Fotógrafo: Luiz Pinto



A ausência da crítica no campo da cultura visual não deve ser ignorada. Conforme abordado por Renato Ortiz, as décadas de 1960 e 1970 são o período em que a indústria cultural se consolida de fato no Brasil. Com isso, ocorre, concomitantemente, a solidificação de um público consumidor para essa indústria em diversas esferas, inclusive a da áudio-visual. Tal fato pode ser averiguado pela progressão do número de fotógrafos (dentre os quais se incluem os repórteres fotográficos) em nosso país: em 1950, tínhamos 7.921 fotógrafos, passando tal número para 13.397, em 1960;

para 25.453, em 1970, e para 48.259 em 1980 (ORTIZ, 1991, p. 143). Assim, em um quadro mais amplo de consolidação da indústria cultural no Brasil e de seu público consumidor, encontra-se inserida a esfera da cultura visual, tanto com relação à sua produção quanto ao seu consumo, bem como sua constituição como campo de significação.

Outra foto que pode ser inserida nessa mesma discussão acerca da cobertura da remoção de Ilha das Dragas é a seguinte, também de autoria de Luiz Pinto, em 11/02/1969:



Foto: Arquivo Nacional, Fundo/Coleção: Correio da Manhã, Data: 11/02/1969  
Fotógrafo: Luiz Pinto

Tal fotografia é uma carteira, como podemos observar, de membro da Confederação Espírita Umbandista, possuindo a assinatura e a foto do seu presidente, Carlos Santos de Jesus. Ou seja, a mesma pessoa que presidia a associação de moradores de Ilha das Dragas, vítima de "desaparecimento político" junto com outros líderes comunitários locais. O Correio da Manhã não seguiu em silêncio perante tal fato, sendo que à época já se posicionava como crítico do regime militar e de seus excessos. Foram realizadas reportagens denunciando tal situação e cobrando uma solução por parte do poder público (CORREIO DA MANHÃ, 1969a, 1969b, 1969c)<sup>9</sup>. Porém, a veiculação de tal fotografia, que não ocorreu, traria um componente simbólico de crítica muito mais sólido, uma vez que daria um rosto ao nome Carlos Santos de Jesus, humanizando ainda mais a situação para além de um nome escrito no jornal. Desse modo, a foto de sua carteira de membro-presidente da Confederação Espírita Umbandista acarretaria em um maior potencial de comoção com relação ao seu desaparecimento. Mas, conforme dito, tal foto nunca chegou a ser veiculada. A atuação rígida da censura nesse período talvez fosse uma desculpa plausível, se não fosse pelo fato do Correio da Manhã, enquanto opositor do regime militar, publicar outras fotografias de conteúdo tão ou mais crítico com relação aos excessos da ditadura. A fotografia chegou mesmo a ser um importante e estratégico instrumento para tentar burlar a censura imposta e manter a crítica ao regime (OLIVEIRA, 1996).

Com análise das fotografias realizadas, pode-se observar que a cobertura fotojornalística realizada pelo Correio da

Manhã no tocante às favelas Praia do Pinto e Ilha das Dragas é predominantemente centrada no elemento humano, assim como a cobertura das demais favelas realizada ao longo da década de 1960. Nota-se, em uma concepção semelhante à vigente pelos técnicos estatais atuantes na elaboração da política habitacional, um esforço de articulação entre representações de precariedade, de infra-estrutura urbana e de higiene, referentes ao espaço favela e ao seu habitante, moralmente precário, promíscuo, frágil, incapaz de exercer uma cidadania autônoma e positiva, para si e para a sociedade. Desse modo, há uma tendência à construção homogeneizadora de representações sobre as favelas e seu habitante, focada na precariedade moral e incapacidade de autonomia social. Assim, quando comparada à cobertura realizada pelo desmonte do Santo Antônio, centrada majoritariamente na veiculação de representações de progresso e no privilégio do elemento espacial e técnico, o que se observa é o outro extremo: a utilização do elemento humano para a veiculação de uma *cobertura do atraso* através da transmissão de representações de precariedade resultantes das opções realizadas pela equipe editorial do periódico.

### Bibliografia

AMOROSO, Mauro. *Nunca é tarde para ser feliz?* A imagem da favela pelas lentes do Correio da Manhã. Dissertação de mestrado em História. PPGH-UFF – Niterói, 2006.

ABRANTES, Paulo Roberto de A. Novo período de redemocratização: política de urbanização. O novo e o velho, 1974-1980. In: VALLA, Victor (org.) *Educação e favela: políticas para as favelas do Rio de Janeiro (1940-1985)*. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 1986. p. 91-135.

<sup>9</sup> Junto com Carlos Santos de Jesus também desapareceram Laureano Martins, João Ribeiro de Almeida e Nicanor Rios.

- CORREIO DA MANHÃ. Favela finca o pé e não quer mudar. Rio de Janeiro: 05/09/1968.
- \_\_\_\_\_. Moradores de Ilha das Dragas reagem ao plano da CHISAM. Rio de Janeiro: 04/09/1968.
- \_\_\_\_\_. Favelado a Negrão: remoção para a zona norte não é a solução. Rio de Janeiro: 04/09/1968.
- \_\_\_\_\_. Sumidos os 4 favelados que polícia levou. Rio de Janeiro: 9/02/1969.
- \_\_\_\_\_. Negrão vai fazer força para achar líderes favelados. Rio de Janeiro: 11/02/1969.
- \_\_\_\_\_. Favelados querem seus chefes livres e apelam a Negrão. Rio de Janeiro: 12/02/1969
- \_\_\_\_\_. Incêndio liquida favela. Rio de Janeiro: 11/05/1969.
- \_\_\_\_\_. GB vende logo área da favela. Rio de Janeiro: 13/05/1969.
- DEPOIMENTO de Alberto Jacob, 4/08/2005.
- ELIAS, Norbert & SCOTSON, John. L. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.
- FAUSTO NETO, Antonio, CASTRO, Paulo César & LUCAS, Ricardo J. de L. *Mídia-tribunal. A construção discursiva da violência: o caso do Rio de Janeiro. Comunicação & Política*. Rio de Janeiro: v. 1, n. 2, 1994. p. 109-140.
- GOVERNO DO ESTADO DA GUANABARA. *Rio operação favela*. Guanabara: Secretaria de Estado da Guanabara, 1969.
- LEITE, Márcia. Entre o individualismo e a solidariedade: dilemas da política e da cidadania no Rio de Janeiro. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. São Paulo: v. 15, n. 14, out. 2000. p. 43-90.
- LEEDS, Anthony & LEEDS, Elizabeth. *A sociologia do Brasil Urbano*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1978.
- OLIVEIRA, Gil Vicente Vaz. *Imagens subversivas: o regime militar e o fotojornalismo do Correio da Manhã (1964-1969)*. Dissertação de mestrado em História, PPGH-UFF, Niterói, 1996.
- ORTIZ, Renato. *A moderna tradição brasileira*. 3<sup>a</sup> ed. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1991.
- PANDOLFI, Dulce & GRYNSZPAN, Mário. Poder público e favelas: uma relação delicada. In: OLIVEIRA, Lúcia Lippi (org.). *Cidade: história e desafios*. Rio de Janeiro: FGV, 2002. p. 238-255.
- POLLAK, Michael. Memória, esquecimento e silêncio. *Estudos Históricos*, v. 2, n. 3, 1989.
- SILVA, Luiz Antônio Machado da. A continuidade do problema favela. In: OLIVEIRA, Lúcia Lippi (org.). *Cidade: história e desafios*. Rio de Janeiro: FGV, 2002. p. 220-237.
- VALLA, Victor; GONÇALVES, Jorge Ricardo. O período autoritário de remoções: destruindo a auto-construção para "ensinar" a auto-ajuda, 1962-1973. In: VALLA, Victor. *Educação e favela: políticas para as favelas do Rio de Janeiro (1940-1985)*. Rio de Janeiro: Vozes, 1986.
- VILCHES, Lorenzo. *Teoría de la imagen periodística*. Barcelona/Buenos Aires/México, Ediciones Paidós, 1987.